

TERRITÓRIOS DE FRONTEIRA: O MEGALITISMO NAS ABAS DA SERRA D'OSSA (ESTREMOZ-REDONDO, ALENTEJO, PORTUGAL)

BORDER TERRITORIES: MEGALITHISM ON THE SHOULDERS OF THE OSSA MOUNTAIN RANGE (ESTREMOZ-REDONDO, ALENTEJO, PORTUGAL)

Marco António Andrade, UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
 marcoandrade@campus.ul.pt

Rui Mataloto, Município de Redondo. rmataloto@gmail.com

André Pereira, UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. andrepereira@letras.ulisboa.pt

RESUMO

O perfil imponente da Serra d'Ossa, agindo como óbvio marco topográfico na paisagem alto-alentejana (entendida geograficamente, e não culturalmente, como a área esfraldada entre o curso do Tejo a Norte e a Serra do Mendro a Sul), parece ter assinalado a transição, como «fronteira natural», entre dois universos megalíticos individuais: o universo centro-alentejano, caracterizado pelos monumentos do eixo Montemor-Évora-Reguengos; e o universo norte-alentejano/extremenho, caracterizado pelos monumentos do grupo Crato-Nisa-Alcântara. Com base nos trabalhos conduzidos por M. Heleno, G. e V. Leisner, e pela equipa do projecto MEGAGEO (dirigida por R. Boaventura) nas áreas de Estremoz e Redondo, os autores pretendem esboçar algumas leituras a respeito dos patamares evolutivos do Megalitismo nas abas da Serra d'Ossa – leituras estas baseadas tanto na análise das arquitecturas e respectivos mobiliários votivos como na própria situação espacial dos monumentos e sua consequente dispersão territorial. Com efeito, regista-se nesta região uma interessante diversidade arquitectónica, desde os pequenos sepulcros de Câmara simples (como Godinhos, Chãs 1, Barroca ou Talha 3) aos sepulcros afins dos *tholoi* (como Caladinho), passando pelos pequenos sepulcros de Corredor curto (como Outeirões 2 ou Courela da Anta) e pelos sepulcros de Corredor de média/grande dimensão (como Casas do Canal 1, Entre Águas, Vidigueira ou Casas Novas 1), com tempos de utilização estendidos genericamente desde meados do 4º milénio a.n.e. até finais do 3º/primeira metade do 2º milénio a.n.e. – revelando

as características tecno-tipológicas dos artefactos componentes dos pacotes votivos a possível ligação entre dois complexos simbólico-funerários distintos, na qual o passo da Serra d'Ossa, ainda em uso no âmbito de movimentos de gados transumantes até ao século XIX, terá desempenhado papel fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Megalitismo; Origem e Desenvolvimento; Serra d'Ossa; Alto Alentejo.

ABSTRACT

The imposing silhouette of the Ossa mountain range, acting as an obvious topographical mark in the landscape of Upper Alentejo (geographically, yet not culturally understood as the area between the course of the Tagus River to the North and the Mendro mountain range to the South), seems to have marked the transition, as a «natural frontier», between two individual megalithic universes: the one of Central Alentejo, characterized by the monuments of the Montemor-Évora-Reguengos axis; and the one of North Alentejo and Spanish Extremadura, characterized by the monuments of the Crato-Nisa-Alcántara group. Based on the works of M. Heleno, G. and V. Leisner, and the team from the MEGAGEO project (directed by R. Boaventura), the authors intend to outline some readings regarding the evolutionary levels of Megalithism in the shoulders of the Ossa mountain range – based both on the analysis of architectures and their respective votive sets, as well as on the spatial situation of monuments and their consequent territorial dispersion. In fact, there is an interesting architectural diversity in this region, from the small tombs with simple Chamber (like Godinhos, Chãs 1, Barroca or Talha 3) to the tholos-like tombs (like Caladinho), through the small tombs with short Corridor (like Outeirões 2 or Courela da Anta) and the medium/large-size passage graves (like Casas do Canal 1, Entre Águas, Vidigueira or Casas Novas 1), with use times generally extended since the mid-4th millennium BCE until the late 3rd millennium/first half of the 2nd millennium BCE. The techno-typological features of the artefacts composing the votive sets reveal the possible connection between two distinct symbolic-funerary complexes, in which the pass of the Ossa mountain range, still in use until the 19th century in the context of movements of transhumant herds, would have played a fundamental role.

KEYWORDS: Megalithism; Origin and Development; Ossa Mountain Range; Upper Alentejo

1. INTRODUÇÃO:

O ESTUDO DO MEGALITISMO NAS ABAS DA SERRA D'OSSA

O Megalitismo da área da Serra d'Ossa, incluindo os concelhos de Estremoz e Redondo, é conhecido desde praticamente meados do século XIX (se não contarmos aqui com a referência às antas da serra feita por Frei Martinho de São Paulo em 1571, publicada posteriormente por Frei Henrique de Santo António em 1745 e, de forma abreviada, por Frei Manuel de São Caetano em 1793 ; cf. Calado e Mataloto, 2001, p. 12). Com efeito, as primeiras referências «científicas» registam-se com as menções de autores como G. Pereira, J. Possidónio da Silva, M. Émile Cartailhac ou J. Leite de Vasconcellos a sepulcros da área do Redondo – nomeadamente, as Antas da Candeeira, Colmieiro (Tesouras), Vidigueira, Paço e Silveira Grande (cf. Pereira, 1875 e 1879; Silva, 1878; Cartailhac, 1886; Vasconcellos, 1897 e 1916), contando-se ainda, neste mesmo contexto cronológico, a curiosa «contribuição» de J. Rocha Espanca (Espanca, 1894).

Para a área de Estremoz, à parte a referência genérica (não confirmada à altura) feita por F. Pereira da Costa à Anta da Venda do Duque (Costa, 1868), o primeiro «reconhecimento científico» dá-se precisamente com as escavações conduzidas por M. Heleno em 1934 no núcleo de São Bento do Cortiço (Talha, Outeirões, Caldeira, etc.) e nos sepulcros de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, Mal Dorme e Lebre – referenciando também, para além de outros localizados no aro de Évoramonte, os monumentos do núcleo das Casas do Canal (não tendo aqui, aparentemente, realizado quaisquer trabalhos de escavação; cf. Cadernos de Campo nº 1 a 3, *Escavações nos arredores de Estremoz*, acessíveis no Museu Nacional de Arqueologia). Estes trabalhos permaneceram inéditos até bem recentemente, sendo que a importância do Megalitismo de Estremoz é efectivada apenas com os trabalhos de G. e V. Leisner nos monumentos situados nas propriedades da Casa de Bragança – destacando-se as Antas 1 a 5 das Casas do Canal, a Anta de Entre Águas ou as Antas 1 a 3 das Palhas (Leisner e Leisner, 1955). A par destes, registam-se outros trabalhos ocasionais dirigidos por A. Viana e A. Dias de Deus no âmbito dos seus estudos sobre os *dólmenes da região de Elvas* (Viana e Deus, 1957), sendo referenciados os dois monumentos entretanto destruídos da Melroeira e a Anta da Courela da Anta (à altura já escavada por M. Heleno, designando-a como Anta de São Bento do Cortiço e registando a curiosa anotação de que já teria sido «violada»). Regista-se igualmente a nota de O. da Veiga Ferreira à Anta 1 das Casas do Canal (Ferreira, 1950).

Nos seus *Megalithgräber* (1956 e 1959), G. e V. Leisner inventariam 28

monumentos na área de Estremoz, incluindo alguns daqueles anteriormente intervencionados por M. Heleno, tais como as Antas de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, Caldeireira, Talha e Courela da Anta (Leisner e Leisner, 1959, p. 152-159). Na área do Redondo, são registados cerca de 24 monumentos, incluindo referências não confirmadas ou antas entretanto destruídas ou não localizadas (cf. Leisner e Leisner, 1959, p. 159-164) – aumentando a cifra de pouco mais de uma dezena de sepulcros anteriormente referenciados aquando do inventário dos monumentos megalíticos dos arredores de Évora (Leisner, 1949, p. 43-47). Posteriormente, com os trabalhos realizados no âmbito da *Carta Arqueológica do Redondo*, novos monumentos foram identificados, fazendo ascender para o dobro o número de monumentos megalíticos inventariados nesta área (cf. Calado e Mataloto, 2001), o qual tem vindo a ser aumentado com o registo de novas antas. A inclusão dos monumentos de Estremoz e Redondo em estudos académicos efectiva-se com os trabalhos de M. Calado (cf. Calado, 2001 e 2004) e L. Rocha, este último incidindo especificamente na compilação e filtragem dos dados colectados durante os trabalhos de M. Heleno na área de Estremoz, com base nos seus apontamentos de campo (cf. Rocha, 2005). Mais recentemente, conta-se o estudo do núcleo de São Bento do Cortiço no âmbito da Dissertação de Doutoramento de um dos signatários (MAA) e a publicação dos dados recolhidos durante a escavação da Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (Boaventura et al., 2014-2015), estando em preparação o título referente às Antas de Mal Dorme e Lebre. Saliente-se ainda a identificação e escavação recente da Anta da Barroca (Mataloto, Andrade e Pereira, 2016-2017).

No âmbito do projecto MEGAGEO – *Movendo megálitos no Neolítico: a proveniência geológica dos esteios de antas no Centro-Sul de Portugal* (dirigido por R. Boaventura), incluindo a área do Redondo como *case study*, foi contemplada, para além da definição da origem geológica dos suportes construtivos (cf. por exemplo Nogueira et al., 2015; Pedro et al., 2015), a limpeza e desenho de diversos monumentos da área do Freixo, para além da escavação da Anta da Candeeira (Boaventura et al., 2014). Todavia, durante a última década, tem vindo a promover-se a escavação e publicação dos sepulcros da Vidigueira, Godinhos, 1 das Chãs, 4 da Quinta do Freixo, Valdanta e Barroca, esta já no concelho de Estremoz (cf. Mataloto e Boaventura, 2010; Mataloto et al., 2015; Mataloto, Andrade e Pereira, 2016-2017), sucedendo à escavação realizada em anos anteriores no sepulcro do Caladinho (Mataloto e Rocha, 2007).

Com perto de nove dezenas de sepulcros inventariados até ao momento

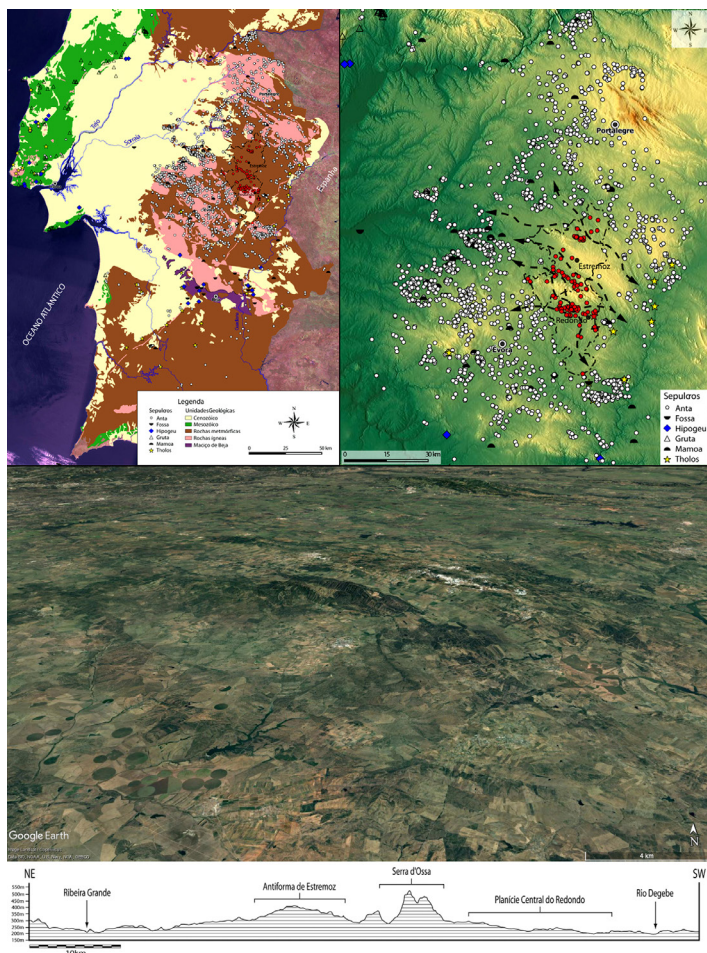


Figura 1 – Em cima, à esquerda, situação dos monumentos analisados (indicados pelos pontos vermelhos; limites municipais indicados pela linha tracejada) no contexto do Megalitismo do Centro-Sul de Portugal, em relação à Geologia (cartografia elaborada no âmbito do projecto MEGAGEO); em cima, à direita, situação dos monumentos analisados (indicados pelos pontos vermelhos; limites municipais indicados pela linha tracejada) em relação à Serra d'Ossa e ao Antiforma de Estremoz, no contexto do Megalitismo do Alto Alentejo (entre o curso do Tejo e a Serra do Mendro), com indicação das principais vias naturais de trânsito (base cartográfica: Google Maps, 2017); ao centro, vista aérea oblíqua da área da Serra d'Ossa e do Antiforma de Estremoz (a centro da imagem), enquadrados a Sul pela Planície Central do Redondo e a Norte pela bacia hidrográfica da Ribeira da Seda (base: Google Earth, 2018); em baixo, perfil topográfico NE-SW com indicação das principais unidades paisagísticas.

(com outros ainda passíveis de serem identificados, como o demonstra o caso da Anta da Barroca), o conjunto megalítico da Serra d'Ossa prima precisamente pela sua posição geográfica específica (Figura 1). Com efeito, o perfil imponente deste acidente topográfico terá agido como óbvio marco geográfico na paisagem alto-alentejana, aqui entendida em termos geográficos e não culturais, especificamente no que ao Megalitismo diz respeito, como a área esfraldada entre o curso do Tejo a Norte e a Serra do Mendro a Sul. Parece pois ter assinalado a transição, como «fronteira natural», entre dois universos megalíticos individuais: o universo centro-alentejano (caracterizado pelos monumentos do eixo Montemor-Évora-Reguengos) e o universo norte-alentejano/extremenho (caracterizado pelos monumentos do grupo Crato-Nisa-Alcântara), recolhendo óbvios paralelos em ambas áreas, mas com algumas particularidades evidentes – lidas tanto na composição dos mobiliários votivos como na disposição arquitectónica dos sepulcros, com tempos de utilização que se estendem genericamente desde a meados do 4º milénio até à segunda metade do 3º milénio a.n.e. e primeira metade do seguinte.

Este facto particular justifica a análise integrada destes monumentos, enquadrando-os num contexto cultural mais vasto que inclui os grupos megalíticos acima enunciados – assumindo a área da Serra d'Ossa como um território de cruzamento de influências comuns, possivelmente motivadas por movimentações verticais de gentes e rebanhos durante os 4º e 3º milénios a.n.e., traduzidas tanto em transmissões materiais (recursos abióticos) como imateriais (preceitos construtivos ou rituais).

2. A ABA NORTE: OS MONUMENTOS MEGALÍTICOS NO SOPÉ DO ANTI-FORMA DE ESTREMOZ

Os monumentos megalíticos da área de Estremoz (Figura 2) distribuem-se genericamente por dois grupos principais: o núcleo das Casas do Canal e o núcleo de São Bento do Cortiço – a par dos quais se registam outros agrupamentos pouco numerosos (como os conjuntos de Alfaiates-Venda do Duque, talvez já relacionados com os monumentos de São Bento do Mato-Vale do Pereiro, no concelho de Évora) ou sepulcros aparentemente isolados na paisagem (como Torrinha ou Leão, embora aparentemente já associados a monumentos das áreas de Fronteira e Monforte).

O núcleo das Casas do Canal, principalmente disposto ao longo da Ribeira do Canal, implanta-se numa zona adjacente ao importante eixo de circulação Este-Oeste que interliga a bacia do Guadiana com a bacia do Tejo, justamente no amplo corredor aberto entre as espaldas Sudoeste do Antifor-



Figura 2 – Monumentos megalíticos da área do concelho de Estremoz. Levantamentos de G. e V. Leisner (1955, 1956 e 1959), A. Viana e A. Dias de Deus (1957), MEGAGEO e MAA; Talha 3, Outeirões 3, Mal Dorme e Lebre, de planta actualmente imperceptível ou não localizados, desenhados a partir das indicações de campo de M. Heleno; elementos actualmente em falta em Outeirões 1 e 2 e Nossa Senhora da Conceição dos Olivais desenhados a partir das indicações de campo de M. Heleno. As setas indicam elementos com «covichas» insculpidas.

ma de Estremoz e as espaldas Nordeste da Serra d'Ossa, caracterizando-se genericamente pelos vales das Ribeiras de Luceféce e Tera.

É composto pelas Antas 1 a 6 das Casas do Canal, Entre Águas, Cotoviera (ou Foro do Ferreiro) e Defesa da Junceira, que se caracterizam como monumentos de xisto de pequena a média dimensão, maioritariamente de Câmara e Corredor diferenciados – sendo este de curto a médio/longo em extensão, com Câmaras de sete ou oitos esteios organizados a partir do esteio de Cabeceira. Corresponde assim, em termos arquitectónicos, a um conjunto homogéneo, respeitando os parâmetros genéricos do Megalitismo alentejano.

A este núcleo associam-se os núcleos secundários compostos pelas Antas 1 e 2 do Montinho e pelas Antas 1 a 3 de Palhas – sepulcros com características arquitectónicas semelhantes àquelas registadas no núcleo estrito das Casas do Canal, estando o primeiro conjunto implantado sobre o vale imediato da Ribeira da Tera e o último disposto em torno a um dos bastiões mais setentrionais da Serra d'Ossa, o Outeiro da Cerca. Associam-se igualmente, um pouco mais distantes, as Antas dos Penedos, Mijadouros e Valongo.

O núcleo de São Bento do Cortiço prima já pela heterogeneidade dos seus constituintes, registando-se uma maior diversidade em relação à composição arquitectónica dos monumentos (o que lhe confere uma certa identidade própria dentro do contexto genérico dos monumentos da margem esquerda da Ribeira da Seda). Implanta-se no rebordo da peneplanície que desce até ao vale da Ribeira Grande (numa ampla paisagem aberta cingida a Sudoeste pelos relevos da Serra de São Bartolomeu, no limite das cristas xistosas), sendo principalmente drenada pelas Ribeiras de Sousel e Ana Loura – encontrando-se no contexto de uma via natural de trânsito correspondente à linha de festo destes dois cursos de água, tendo igualmente acesso à fértil área aplanada dos calcretos de Casa Branca-Cano pelo vale das Ribeiras de Almadafe e Alcôrrego.

Este núcleo compõe-se por dois conjuntos, paralelamente dispostos em ambas margens da Ribeira de Sousel – encontrando-se na margem esquerda as Antas 1 a 3 dos Outeirões, Cascalho e Espadanal, e na margem direita as Antas 1 a 3 da Talha, 1 e 2 da Caldeireira e Courela da Anta. Um pouco mais a Norte, sobre o vale da Ribeira de Sousel, localizar-se-ia o conjunto das Antas 1 e 2 da Melroeira e, um pouco mais afastada, a Anta da Cabeça da Ovelha (já no concelho de Sousel). Usando xisto como suporte construtivo, estes conjuntos são compostos por pequenos sepulcros de Câmara simples (Anta 3 da Talha, Anta 1 dos Outeirões, Anta 1 da Caldeireira), pequenos sepulcros de Câmara alongada (Anta 2 da Caldeireira) e pequenos sepulcros

de Corredor incipiente (Antas 2 e 3 dos Outeirões, Anta da Courela da Anta) – registando-se na Anta 1 da Talha o caso de uma grande Câmara rectangular transversal, aberta a nascente, sem vestígios de Corredor.

No espaço entre os núcleos das Casas do Canal e São Bento do Cortiço encontram-se monumentos aparentemente isolados (sem ligação espacial directa a qualquer conjunto definido), como as Antas de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, Mal Dorme e Lebre – correspondendo o primeiro a um grande monumento de Câmara e Corredor diferenciados construído em ortognaisse granítico e calcário dolomítico, o segundo a um monumento de xisto de planta alongada (com um «pseudo-corredor» sugerido por um leve estrangulamento na transição para a Câmara) e o último a um pequeno monumento de xisto deficientemente conservado. Implantam-se em áreas levemente onduladas com alguns relevos residuais e vales sumariamente encaixados, no contexto de uma paisagem aberta genérica (principalmente para poente), no extremo Noroeste do corredor de circulação no contexto do qual se implanta o núcleo das Casas do Canal.

Poder-se-á referir igualmente os monumentos aparentemente isolados da Torrinha e Leão – embora estes, como dito acima, se possam relacionar (mesmo que indirectamente) com monumentos já localizados nas áreas dos concelhos de Fronteira e Monforte.

Particularmente interessante é também o caso do monumento da Barroca, devendo ser lido em conjunto com as Antas 1 e 2 das Chãs (já no concelho do Redondo), implantado sobre o mesmo patamar de circulação (já na viragem para a aba Sul da Serra d'Ossa) e correspondendo igualmente a um pequeno monumento de Câmara simples, construído em granito, xisto metamorfizado e gnaiss – sendo contudo de tendência alongada e com uma estrutura tumular bastante mais complexa.

Com efeito, registam-se na área de Estremoz algumas soluções construtivas curiosas. Será de mencionar, por exemplo, a escassa representatividade topográfica das estruturas tumulares nos monumentos de São Bento do Cortiço – facto já evidenciado por M. Heleno, parecendo os monumentos terem sido construídos «em negativo», em fossas posteriormente revestidas com esteios (como a Anta 3 da Talha, ou as Antas 2 e 3 dos Outeirões). Refira-se igualmente a colocação de lajes de compartimentação do espaço interno da Câmara («lajes-divisória», formando «nichos», nas palavras de M. Heleno), identificadas nas Anta do Cascalho, Anta 2 dos Outeirões e Anta da Lebre, podendo corresponder a espaços de deposição específicos – contando-se ainda, no último caso, a colocação de uma «laje de fecho» à entrada do monumento, vedando o acesso a este. A construção da Câmara da

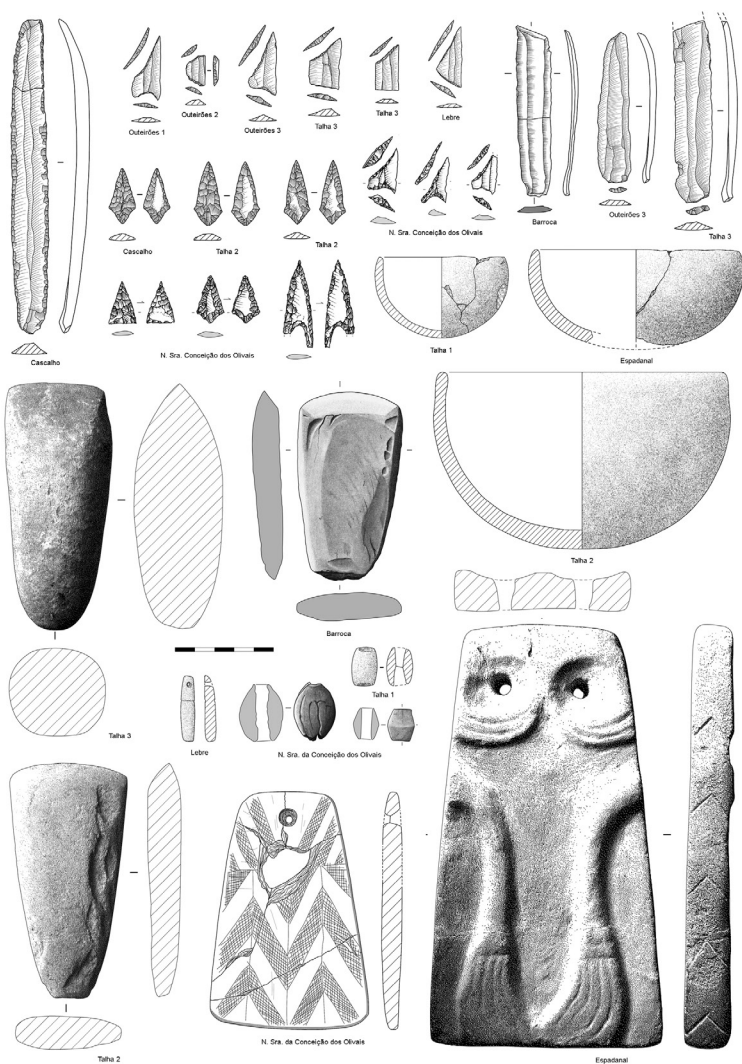


Figura 3 – Exemplos dos componentes dos mobiliários votivos registados nos monumentos megalíticos da área de Estremoz: armaduras geométricas (Outeirões 1 a 3; Talha 3; Lebre; Nossa Senhora da Conceição dos Olivais); lâminas (Outeirões 3; Talha 3; Barroca; Cascalho); pontas de seta (Cascalho; Talha 2; Nossa Senhora da Conceição dos Olivais); artefactos de pedra polida (Barroca; Talha 2 e 3); recipientes cerâmicos (Talha 1 e 2; Espadanal); elementos de adorno (Lebre; Talha 1; Nossa Senhora da Conceição dos Olivais); placa de xisto gravada (Nossa Senhora da Conceição dos Olivais); placa de grés esculpida (Espadanal).

Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais parece ter seguido também preceitos específicos – não tendo sido escavadas fossas individuais para implantação dos esteios (como é comum na maioria dos monumentos megalíticos alentejanos), mas antes um fosso contínuo de perímetro circular com cerca de 4 m de diâmetro (conforme atestado por M. Heleno). Da mesma maneira, a delimitação da estrutura tumular da Anta da Barroca foi efectuada com a construção de um anel periférico formado por duas fiadas concêntricas de lajes fincadas, de contorno sensivelmente circular – registando-se também neste monumento o bloqueio intencional da entrada (cf. Mataloto, Andrade e Pereira, 2016-2017).

Os mobiliários votivos recolhidos nestes monumentos (Figura 3) repartem-se pelas duas crono-culturas genéricas definidas para o Megalitismo alentejano (cf. Boaventura, 2011; Boaventura e Mataloto, 2013).

O primeiro episódio, enquadrado, segundo cremos, no terço central do 4º milénio a.n.e. (e extensível talvez até ao seu último quartel) encontra-se representado em sepulcros de Câmara simples e pequenos monumentos de Corredor incipiente – com conjuntos funerários formados pela associação de armaduras geométricas (maioritariamente trapézios, produzidos em sílex, calcedónia e quartzo), pequenas lâminas não retocadas extraídas por percussão indirecta e artefactos de pedra polida (machados e enxós, produzidos em anfibolito, xisto anfibólico e rochas metamorizadas brandas), sendo raros os recipientes cerâmicos. Tratam-se genericamente de conjuntos com um número reduzido de componentes, como se atesta nos casos da Anta da Barroca (uma lâmina, um machado e uma enxó), Anta 1 da Caldeireira (dois machados e uma enxó) ou Anta 1 dos Outeirões (um trapézio), referindo-se possivelmente a um número restrito de inumações. A excepção encontra-se no caso da Anta 3 da Talha, com um mobiliário votivo composto por um maior número de artefactos (21 armaduras geométricas, duas lâminas, 13 artefactos de pedra polida), podendo indicar já possíveis inumações múltiplas, apesar da pequena dimensão do sepulcro.

O segundo momento, balizado, entre o último quartel do 4º milénio a.n.e. e meados do seguinte, atesta-se tanto em pequenos monumentos de Corredor curto como em monumentos de Câmara e Corredor diferenciados de média/grande dimensão, assim como em sepulcros de planta excepcional (Anta 1 da Talha) ou indeterminável (Anta do Espadanal, Anta do Cascalho e Anta 2 da Talha). Regista-se já a inclusão significativa de recipientes cerâmicos e um maior número de elementos de adorno incluindo exemplares em «pedra verde» e azeviche (por exemplo, Anta do Cascalho, Anta 1 da Talha e Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais). No campo dos artefactos

de pedra lascada, conta-se a introdução das grandes lâminas de sílex reto-cadas (Anta do Cascalho, Anta 3 dos Outeirões, Anta 1 da Talha, Anta 1 das Casas do Canal) e das pontas de seta (bem representadas pelos exemplares de base convexa e triangular), produzidas em sílex, quartzo hialino e opala/opalina (Anta do Cascalho, Anta 2 da Talha, Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais).

Elementos característicos desta segunda fase são as placas votivas, estando presentes placas de xisto gravadas de influência centro-alentejana (Anta 3 dos Outeirões, Anta 1 da Talha, Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais) e as típicas placas de grés alto-alentejanas – sejam os exemplares lisos (Anta do Espadanal, Anta 3 dos Outeirões, Anta 1 da Talha, Anta 1 das Casas do Canal) ou os exemplares esculpidos com motivos antropomórficos (aqui representados pelo conhecido exemplar da Anta do Espadanal). Encontram-se igualmente placas de micaxisto com motivos «imitando» as representações antropomórficas das placas de grés esculpidas (como no caso da Anta 1 da Talha).

Contudo, regista-se ainda nestes monumentos «culturalmente evoluídos», para além de um número ainda considerável de artefactos de pedra polida (maioritariamente enxós), a presença de armaduras geométricas (Antas 1 e 2 da Talha, Anta 3 dos Outeirões), por vezes em número significativo e com características morfológicas peculiares (como na Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais) – podendo indicar, mais do que dois momentos diferenciáveis de uso, uma utilização continuada dos sepulcros ou o uso de espólio «supervivencial». Possíveis episódios de transição poderão estar representados na Anta da Lebre, com um conjunto de características «antigas» mas onde se inclui já uma placa de grés lisa e elementos de adorno em «pedra verde».

Um ponto interessante nos monumentos da área de Estremoz é o seu reuso a partir da segunda metade do 3º milénio a.n.e., representado nas Antas 1 das Casas do Canal, Nossa Senhora da Conceição dos Olivais e Mal Dorme, para além do duvidoso caso da Anta 2 dos Outeirões – problemática particular discutida no ponto 5 abaixo.

3. A ABA SUL: OS MONUMENTOS MEGALÍTICOS SOBRANCEIROS À PLANÍCIE CENTRAL DO REDONDO

A área do concelho do Redondo integra-se já na ampla região megalítica do Alentejo Central, genericamente caracterizada pelos monumentos do eixo Montemor-Évora-Reguengos – apresentando-se assim relativamente rica em termos de património «megalítico». Ao contrário da área de Estre-

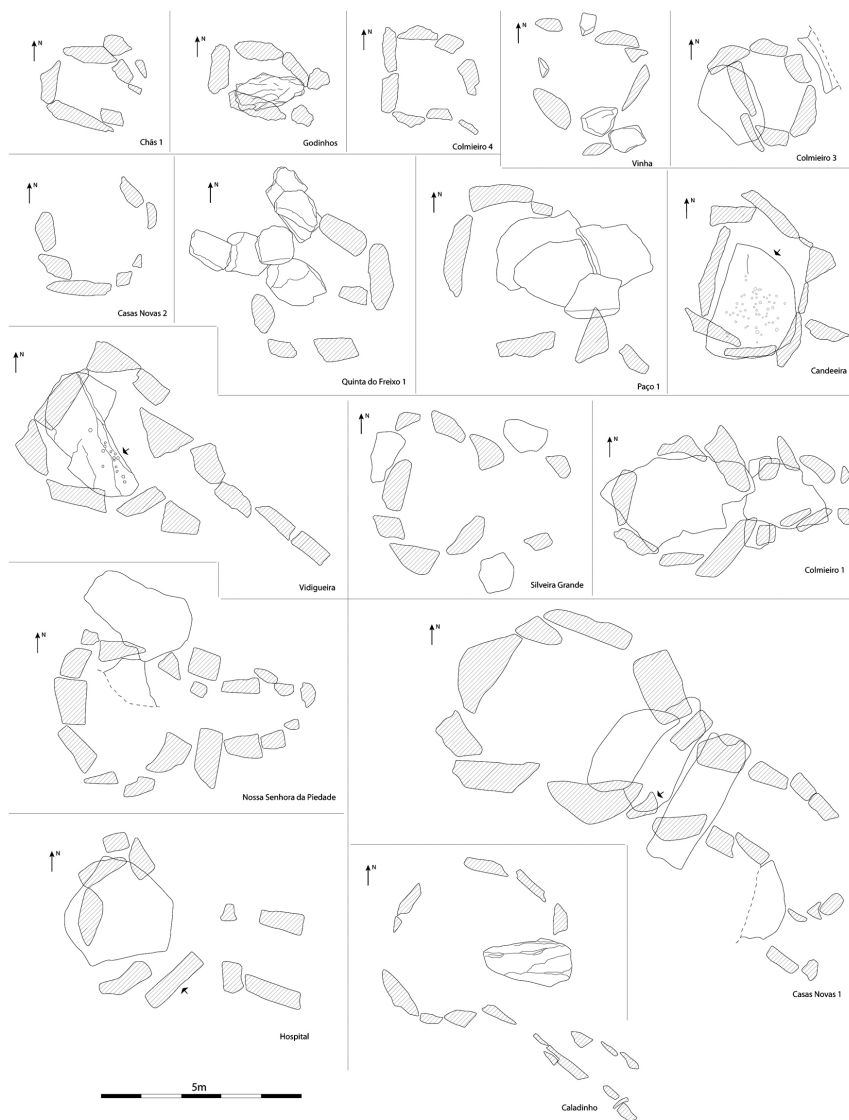


Figura 4 – Monumentos megalíticos da área do concelho do Redondo. Levantamentos de G. e V. Leisner (1949, 1956 e 1959), RM e MEGAGEO. As setas indicam elementos com «cavinhas» insculpidas.

moz, onde se registam localizações territorialmente mais concentradas (com núcleos espacialmente bem delimitados), os grupos do Redondo parecem apresentar um maior índice de dispersão territorial, mas reflectindo contudo uma ocupação modular do espaço com conjuntos instalados em segmentos bem localizados da paisagem.

Com efeito, estando estes núcleos mais diluídos no espaço (por assim dizer), a sua implantação revela uma ocupação mais extensiva do território, sobre ou nas margens do amplo corredor de rochas granitóides (ou outras litologias com capacidade para serem usadas como suporte construtivo) que se estende no Patamar a Sul da Serra d'Ossa, sobranceiro à Planície Central (como prolongamento para Este dos núcleos de São Miguel e Nossa Senhora de Machede, já em Évora).

Este extenso patamar que medeia entre as elevações mais altas da Serra d'Ossa e a Planície Central a Sul parece ser assim a área de eleição para a instalação destes monumentos. Na verdade, a sua maior amplitude na zona Noroeste do concelho, na envolvente da aldeia do Freixo, talvez tenha conduzido a uma maior concentração de monumentos, os quais superam aí as três dezenas. As regiões mais a Sul, mais intensamente agricultadas, não tiveram (ou não conservaram) mais que um reduzido número de sepulcros, como os monumentos aparentemente isolados de Zambujeiro, Pegas e Nossa Senhora da Piedade. A aparente escassez de sepulcros nesta área mais a Sul poderá estar eventualmente relacionada também com condicionantes geológicas, registando-se extensas manchas de depósitos cenozóicos (principalmente entre a Área da Vigia e a Planície Sul) onde não se encontram suportes construtivos capazes à erecção de monumentos megalíticos.

As antas do concelho do Redondo (Figura 4) enquadram-se, na sua grande maioria, no tipo clássico do Megalitismo regional (o designado «tipo alentejano»), sendo constituído por monumentos de Câmara poligonal de sete esteios organizados a partir do esteio de Cabeceira, e Corredor diferenciado. São usualmente construídas em granito (ou granodiorito), sendo também conhecidas em xisto, ou inclusivamente com ambos.

Ainda que a maioria dos monumentos apresente dimensões de certo modo modestas, estão documentados alguns monumentos de média/grande dimensão, caso da Anta da Vidigueira, Anta 1 do Colmeeiro, Anta da Candeeira ou Anta 1 das Casas Novas («Anta Grande»), incluíveis genericamente no grupo dos sepulcros característicos de finais do 4º e inícios do 3º milénio a.n.e. no Alentejo Central. A par destes, registam-se pequenos monumentos de xisto e gnaiss (incluindo pequenos sepulcros de Câmara simples, como as Antas 1 e 2 das Chãs ou Godinhos) e monumentos intermédios, em termos



Figura 5 – Exemplos dos componentes dos mobiliários votivos registados nos monumentos megalíticos da área do Redondo: armaduras geométricas (Chãs 1; Godinhos; Vidigueira; Caladinho); lâminas (Vidigueira); pontas de seta (Vidigueira; Caladinho); artefactos de pedra polida (Chãs 1; Caladinho); recipientes cerâmicos (Godinhos; Caladinho); elementos de adorno (Caladinho); placa de xisto gravada e báculo (Caladinho).

da sua morfologia e dimensão, talvez relativos a momentos anteriores ao último quartel do 4º milénio a.n.e. (como a Anta da Vinha ou as Antas 3 e 4 do Colmieiro, a última com dois esteios de Cabeceira alinhados, semelhante a alguns exemplos da área da Ribeira da Seda).

Como dito, os monumentos concentram-se na metade Norte do concelho (principalmente na parcela Noroeste), podendo estar relacionados com a demarcação de áreas de ocupação preferencial potenciada pela ocorrência de solos graníticos propícios tanto à construção dos monumentos como às práticas agrícolas de subsistência, como o parece demonstrar também a concentração de vestígios de povoamento aí documentada (cf. Calado e Mataloto, 2001). Situam-se assim próximos das cabeceiras dos principais cursos de água que cortam longitudinalmente o território, nomeadamente as Ribeiras da Pardiela, Freixo, São Bento e Alcorovisco-Vale de Vasco, subsidiárias do Rio Degebe.

Dois núcleos principais são distinguíveis neste contexto genérico – nomeadamente os grupos de Vidigueira-Quinta do Freixo (composto por seis monumentos ao quais se poderá associar também os dois monumentos de Martes) e Colmieiro-Casas Novas-Godinha de Cima (composto por nove monumentos, com a associação espacial dos dois monumentos do Paço, Hospital, Pinheiro e os cinco monumentos das Casas).

A sua relação com vias naturais de trânsito é também evidente. Com efeito, o extenso Patamar onde se encontra a maioria dos monumentos corresponde a um dos principais eixos de circulação transversal do território, no rebordo da Serra d'Ossa, culminando numa ampla portela aberta a Este, formada pelos bastiões Sudeste da serra (cabeço da Argolia) e o extremo Norte da crista xistosa que desce desde a área do Caladinho para Sul (Crista do Redondo). Neste mesmo eixo de circulação, ao longo do sopé Sul da serra, surgem os monumentos de Valdanta, Zorreira, Monte Branco, Vale de Sobrados e Candeeira (esta última já em posição destacada nas estribações da serra) – sendo aqui o trânsito também controlado, durante finais do 4º milénio a.n.e., pelo povoado do Monte da Ribeira (instalado precisamente no centro desta área, encontrando-se outros sítios já do 3º milénio a.n.e. nos cabeços marginais, como São Pedro, Caladinho, Pereiras, Argolia e Fonte Ferrenha). Ao longo da Crista do Redondo, junto das suas portelas, encontramos os monumentos da Vinha, Silveira, Caladinho e Orvalha (Antas 1 e 2).

Em relação a caminhos de travessia da serra, no sentido longitudinal do território, encontram-se monumentos como Candeeira (para além da qual se localizariam os dois monumentos do Convento da Serra) ou Godinhos (acessível a partir do núcleo de Colmieiro-Casas Novas-Godinha de Cima) –

para além dos dois pequenos monumentos das Chãs, instalados sobre um patamar de circulação no rebordo Oeste da serra, relacionados (como dito acima) com o monumento da Barroca, já no concelho de Estremoz.

Em termos da aferição crono-cultural da construção e utilização destes sepulcros, esta baseia-se principalmente nas arquitecturas – dado que, ao contrário da área de Estremoz, apenas uma pequena percentagem dos monumentos foi objecto de escavação (nomeadamente, os monumentos de Caladinho, Vidigueira, Candeeira, Vale da Anta, Godinhos e Chãs; cf. Mataloto e Rocha, 2007; Mataloto e Boaventura, 2010; Mataloto et al., 2015; Mataloto, Andrade e Pereira, 2016-2017). Contudo, referem-se a escavações recentes, com dados considerados pertinentes para a definição da origem e desenvolvimento do fenómeno megalítico nesta área regional, com evidências artefactuais ainda significativas (Figura 5).

As etapas iniciais do Megalitismo poderão estar representadas em pequenos monumentos de Câmara simples, de tendência «cistóide», de que são exemplo as Antas 1 da Chãs e Godinhos. O mobiliário votivo recolhido nestes monumentos é pouco diversificado – referindo-se no primeiro caso a duas armaduras geométricas (trapézios) e três artefactos de pedra polida (um machado e duas enxós), e no segundo a três armaduras geométricas (trapézios) e um artefacto de pedra polida, contando já com a inclusão de recipientes cerâmicos. Assim, se a Anta 1 das Chãs pode ser genericamente atribuída um intervalo de tempo centrado em meados do 4º milénio a.n.e., o monumento dos Godinhos poderá corresponder já a um momento avançado desse mesmo milénio, talvez coevo com o pequeno monumento de Corredor curto do Poço da Gateira 1, em Reguengos de Monsaraz (cf. Leisner e Leisner, 1951; Gonçalves, 1992 e 1999).

Uma característica interessante destes pequenos monumentos é a de se tratarem de efectivos sepulcros «abertos», apresentando no lado Este dois esteios-pilaretes laterais que poderiam corresponder a «portais», eventualmente como apoio de uma estrutura amovível que permitisse o acesso ao seu interior (cf. Mataloto et al., 2015; Mataloto, Andrade e Pereira, 2016-2017).

Já relativos ao último quartel do 4º milénio a.n.e. e primeiro quartel do seguinte, são os típicos monumentos de Câmara e Corredor diferenciados, alguns de dimensão considerável – como a Anta 1 das Casas Novas ou, de dimensão mais modestas (mas ainda assim significativa), as Antas da Vidigueira, Candeeira, 1 do Colmieiro ou 1 do Paço). Monumentos já típicos do 3º milénio a.n.e. poderão ser encontrados nos exemplos do Caladinho e Fontanas. O sepulcro do Caladinho, não correspondendo necessariamente a

um *tholos*, também não corresponde a uma anta típica (contudo encontrando-se espacialmente associado a uma, a Anta da Silveira). Com efeito, compõe-se por uma Câmara circular formada por perto de uma dezena de esteios “megalíticos” de xisto à qual se acede por um estreito Corredor, estando construído «em positivo» (e não «em negativo», como é comum nas características construções de tipo *tholos*), não sendo igualmente claro que tipo de cobertura apresentaria.

Os mobiliários votivos recolhidos nestes monumentos são igualmente característicos desta fase crono-cultural. Apesar de a escavação dos monumentos de Candeeira e Vidigueira terem fornecido escasso espólio (possivelmente motivado por perturbações ulteriores), este é ainda representativo – destacando-se um fragmento de placa de xisto gravada no primeiro monumento e pontas de seta de base recta a côncava e grandes lâminas de sílex no segundo. No sepulcro do Caladinho, para além de elementos semelhantes aos da Anta da Vidigueira (com realce para as pontas de seta de base côncava a muito côncava, com exemplares em xisto silicioso e lidito), destaca-se conjunto das placas de xisto gravadas que, apesar de muito fragmentado, é ainda ilustrativo – incluindo exemplares reaproveitados, exemplares não perfurados (possivelmente referentes a inumações secundárias) e até mesmo um báculo. Regista-se ainda, tal como se atesta nos monumentos acima da Serra d’Ossa, a presença de armaduras geométricas nestes monumentos «evoluídos» – conforme o demonstra a sua presença na Anta da Vidigueira ou, mais curiosamente, no sepulcro do Caladinho.

Um caso curioso parece registar-se na Anta de Vale da Anta, tratando-se de um monumento de significativas dimensões que parece não ter sido concluído (como se conhecem alguns escassos exemplos na área alentejana), hipótese para a qual concorre a completa ausência de espólio votivo (estudo em fase de conclusão por um dos signatários, RM).

Tal como na área de Estremoz, também alguns dos monumentos do Redondo apresentam evidências de reutilizações em finais do 3º milénio a.n.e., e mesmo da primeira metade do seguinte, registadas nos monumentos dos Godinhos, Caladinho e Casas – sendo igualmente discutidas no ponto 5 abaixo.

4. MEGALITISMO E «ARTE RUPESTRE»: MONUMENTOS E ROCHAS COM «COVINHAS» NAS ABAS DA SERRA D’OSSA

Uma das particularidades registadas nos monumentos em estudo é a sua associação ao género de «manifestações artísticas» comumente designadas como «covinhas», seja tanto pela proximidade espacial entre sepulcros megalíticos e rochas insculpidas com estes elementos, como pela sua

presença nos componentes arquitectónicos dos monumentos. Este facto é particularmente evidente nas antas de xisto da área de Estremoz – sendo que os dados recolhidos tanto aqui como na área do Redondo, mesmo não possibilitando o esclarecimento rigoroso da sua funcionalidade específica, permitem pela menos acrescentar alguns pontos à definição da sua cronologia relativa (principalmente os casos gravados em esteios de monumentos megalíticos).

O principal elemento de destaque na área de Estremoz é o de Santo Estevão 3, cuja relação com a Anta 2 dos Outeirões (da qual dista cerca de 80 m para Sul) já havia sido anotada por M. Heleno. Trata-se de um grande afloramento de xisto, com uma ampla fachada vertical voltada à anta, na qual se encontra insculpido um conjunto pouco extenso de «covinhas»; na base desta fachada vertical, encontra-se uma plataforma destacada formando «degrau» com 8 m de comprimento por 0,50 m de largura, com cerca de 21 «covinhas» insculpidas, uma das quais larga e profunda (25 cm de diâmetro e 24 cm de profundidade). Ainda em relação com os monumentos de Outeirões, encontra-se Santo Estevão 2, correspondendo a uma laje de xisto solta com cerca de 13 «covinhas» (Calado, 2004, vol. 3, p. 25; Rocha, 2005, vol. 2, p. 488), tendo sido identificado recentemente por um de nós (MAA) um outro elemento, referenciado como Santo Estevão 4, tratando-se de um afloramento de xisto com uma grande «covinha» isolada, semelhante à de maior dimensão presente em Santo Estevão 3.

Em relação à Anta do Espadanal, será de referir o elemento registado por M. Heleno a cerca de 20 m a Sudoeste do monumento. Outro elemento, Santo Estevão 1, foi recentemente identificado em associação espacial com este monumento (a cerca de 150 m), descrito como uma laje de xisto solta onde se encontram insculpidas uma série de «covinhas» (Calado, 2004, vol. 3, p. 25). As suas particularidades permitiram levantar a hipótese de se tratar de um esteio deslocado da Anta do Espadanal, já colapsada à altura da escavação de M. Heleno, embora este autor não refira qualquer «covinha» gravada nos esteios deste monumento.

Será de referir igualmente os interessantes painéis de xisto de Falcatos 1 e 2 (Andrade, 2009), já localizados no espaço do concelho de Sousel mas espacialmente associados à Anta da Torrinha, na margem oposta da Ribeira de Ana Loura – ou os casos de Grilas 1 possivelmente associado à Anta de Mamões (Horta da Grila; cf. Leisner e Leisner, 1959, p. 158; Calado, 2004, vol. 3, p. 72) e Monte dos Penedos 2 em relação à Anta dos Penedos referenciada por M. Heleno (cf. Rocha, 2005, vol. 2, p. 450).

Para a área do Redondo, estão disponíveis várias dezenas de registos de

rochas com «covichas», usando afloramentos ou lajes de granito (ou diorito), gnaisse, grauvaque e xisto como suporte (cf. Calado, 2001 e 2004; Calado e Mataloto, 2001). Encontram-se maioritariamente associados a monumentos megalíticos, sendo de notar igualmente a sua associação a espaços de habitat coevos – como, por exemplo, Eira dos Mouros e Horta da Ribeira (o último correspondendo a um grande afloramento com cerca de meia centena de «covichas» insculpidas) associados ao já referido povoado de Monte da Ribeira, sendo de mencionar igualmente as lajes «reaproveitadas» nas estruturas do povoado murado de São Pedro.

A sua associação a sepulcros é particularmente destacada por alguns casos específicos. Quinta do Freixo 7 corresponde a uma grande laje de diorito com cerca de 150 «covichas», algumas de grande dimensão (entre 10 e 25 cm de diâmetro), associadas a sulcos (formando «halteriformes»). A cerca de 30 m deste elemento encontra-se outra laje, igualmente de grande dimensão, com cerca de 26 «covichas» insculpidas. As características destes elementos (nomeadamente, grandes lajes de diorito) permitiram considerar a hipótese de que se pudessem tratar de componentes arquitectónicos de um monumento desmantelado (cf. Calado e Mataloto, 2001, p. 33-34). Estes elementos encontram-se associados ao núcleo megalítico da Quinta do Freixo (Antas 1 a 5), ao qual se associa também a rocha com «covichas» da Espinheira (mais próxima às Antas 2 e 3).

Outros elementos de interesse encontram-se em Martes 3 (especialmente associado às Antas 1 e 2 de Martes), Monte das Casas 4 (24 «covichas» em afloramento associado às Antas 1 a 4 das Casas), Monte do Cabaço (entretanto não relocado, associado à Anta da Candeeira), Paço 3 e 5 (o último combinando «covichas» e figuras cruciformes, associados às Antas 1 e 2 do Paço), Aroeira de Cima, Monte Branco da Piedade e Piedade (associados às Antas das Pegas e de Nossa Senhora da Piedade) ou Caladinho 2 (associado à Anta da Silveira e ao sepulcro do Caladinho).

Outros elementos, aparentemente não associados a sepulcros ou a espaços de habitat, poderão marcar lugares específicos na paisagem, como Pombal e Pedrão 1 e 2 (contudo associados a possíveis menires), os grandes afloramentos isolados de Monte Novo da Cabida e Monte do Albuquerque, ou o Penedo do Magalhães, posicionado sobre a linha de cumeeada no topo da serra, ao longo da qual se registaram recentemente diversos painéis horizontais, enquadrados pela ocupação do Bronze Final do Castelo Velho.

Outros elementos de arte rupestre referem-se, na área de Estremoz, às gravuras filiformes ou picotadas sem motivo gráfico discernível de Poço

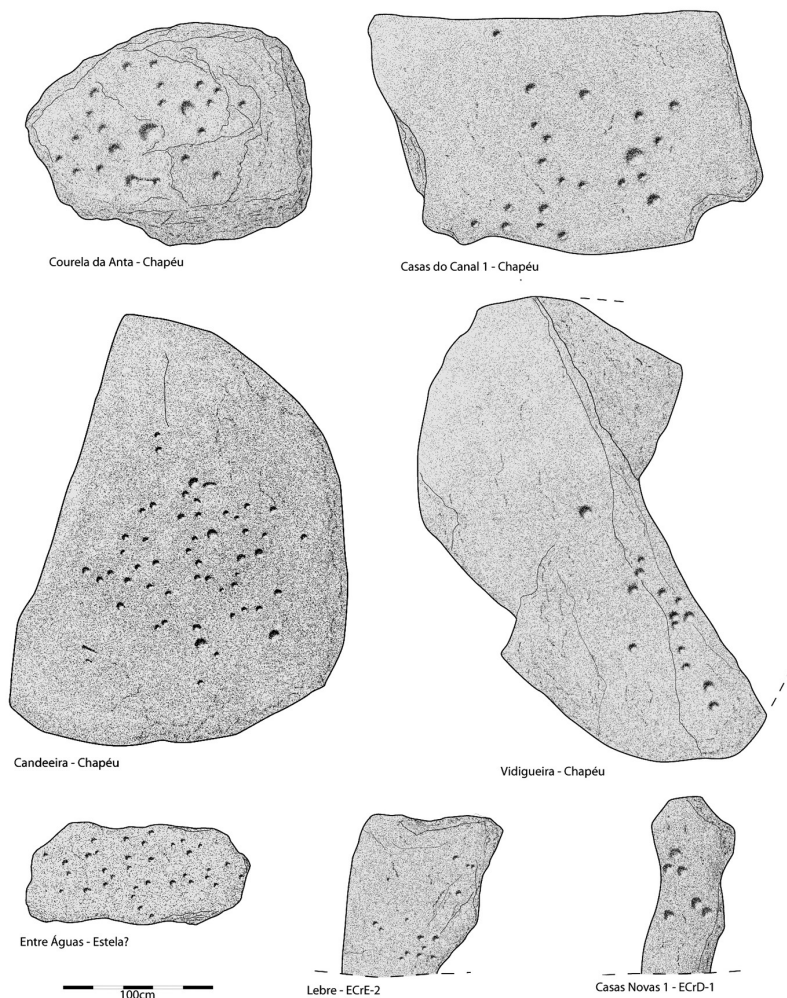


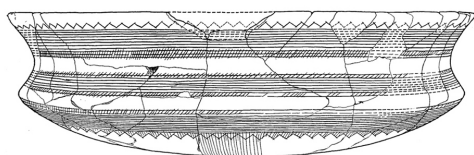
Figura 6 – Elementos arquitectónicos de monumentos megalíticos com «cavinhas» insculpidas nas áreas dos concelhos de Estremoz e Redondo: Courela da Anta (Chapéu); Casas do Canal 1 (Chapéu); Candeeira (Chapéu); Vidigueira (Chapéu), Entre Águas (estela?); Lebre (esteios do «pseudo-corredor»); Casas Novas 1 (esteio-pilarete do Corredor). Lebre desenhado a partir de fotografia de campo de M. Heleno.

de Moleiros 2 e Bacoreira 4 e 5, identificadas sobre suportes de xisto em associação espacial ao povoado de Bacoreira 1 e não muito distante da Anta da Gatuna referenciada por M. Heleno. Será de referir igualmente, já na área do Redondo, os sulcos associados a «cavinhas» compondo figuras «halteriformes» na já referida laje de Quinta do Freixo 7.

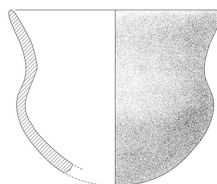
Mas, com efeito, é a sua presença em elementos arquitectónicos de monumentos megalíticos (Figura 6) que permite dispensar algumas considerações a respeito da sua cronologia relativa. Como parece ser comum na larga maioria dos sepulcros alentejanos com «cavinhas» insculpidas nos seus componentes arquitectónicos, estas encontram-se preferencialmente, nas áreas de Estremoz e Redondo, nas faces externas daqueles elementos – seja no Chapéu ou nos esteios componentes da Câmara. São disso exemplo: na área de Estremoz, a Anta da Courela da Anta (Chapéu e esteio da Câmara, o primeiro com figura «halteriforme»), Anta 3 dos Outeirões (Chapéu) ou Anta 1 das Casas do Canal (Chapéu); na área do Redondo, Anta da Vidigueira (Chapéu), Anta da Candeeira (Chapéu) ou Anta do Hospital (esteio da Câmara).

Como já referido (Andrade, 2010, p. 11), esta circunstância poderá ser explicada por duas hipóteses interpretativas: tratam-se de elementos gravados com o propósito específico de ficarem ocultos pela estrutura tumular ou, em alternativa, tratam-se de elementos gravados em momentos em que a estrutura tumular estaria já parcialmente desmantelada. Tal situação já havia sido anotada por G. Leisner, principalmente a respeito da sua gravação na superfície externa do Chapéu, naquilo que seria a porção mais alta da estrutura tumular (Leisner, 1949, p. 11). Este facto levou R. Parreira a considerar que as «cavinhas» pudessem estar relacionadas com coreografias rituais específicas (Parreira, 1996, p. 50 e 56), tendo sido possivelmente insculpidas nos diversos episódios de visitação dos monumentos (para novas deposições ou rituais de «culto de antepassados»).

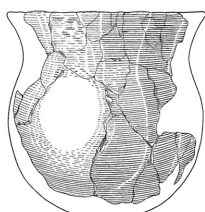
Se esta hipótese é aplicável ao caso dos Chapéus, tecnicamente acessíveis e amovíveis para novas deposições (sendo as «cavinhas» potencialmente gravadas nestas circunstâncias), o mesmo não se aplica ao caso dos esteios – especialmente se não considerarmos a proposta de terem sido gravadas aquando da construção do monumento e intencionalmente ocultadas, sendo necessário que a estrutura tumular estivesse já pelo menos parcialmente desmantelada para possibilitar a sua gravação. Poderão assim, privilegiando a segunda hipótese explicativa, estar relacionadas com usos tardios destes monumentos (como as reutilizações registadas a partir da segunda metade do 3º milénio a.n.e.), algo que apenas se atesta incontestavelmente, na área



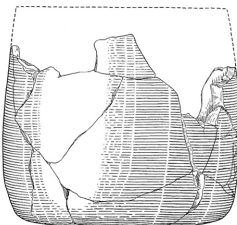
Casas do Canal 1



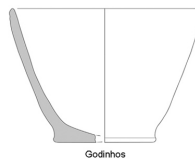
Mal Dorme



Casas do Canal 1



Casas do Canal 1



Godolphos



Godin

Godinhos



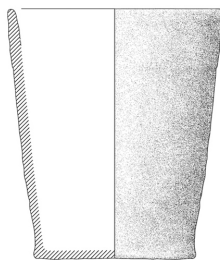
N. Sra. Conceição dos Olivais



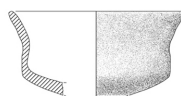
Caladinho



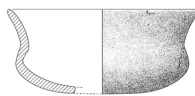
Caladinho



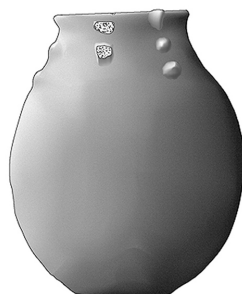
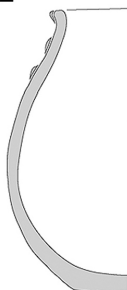
N. Sra. Conceição dos Olivais



N. Sra. Conceição dos Olivais



Outeirões 2 (?)



Casas

| 375

em estudo, no caso da Anta 1 das Casas do Canal.

No entanto, são as «cavinhas» insculpidas nas faces internas dos elementos arquitectónicos, em espaços supostamente «vedados», que fornecem algumas luzes sobre a sua possível cronologia relativa – aparentemente associando-as à construção e uso pleno destes monumentos como elementos perfeitamente integrados na sua composição.

Na Anta da Lebre, por exemplo, um conjunto de «cavinhas» foi insculpido na face interna de um dos esteios do «pseudo-corredor», com maior concentração junto à sua base; nesta mesma anta, encontram-se ainda gravuras geométricas na base de um dos esteios da Câmara (lateral à Cabeceira), que M. Heleno pertinentemente associou às gravuras das placas de xisto (descrevendo-as como «em dentes de lobo»). Na Anta 2 dos Outeirões, para além de uma «cavinha» isolada insculpida sensivelmente a meia altura no esteio de Cabeceira, a «laje-divisória» da Câmara apresentava uma série de «cavinhas» insculpidas em ambas faces, associadas a pintura – estando pelo menos um destes elementos, segundo M. Heleno, «pintado» no seu interior. Na Anta 3 dos Outeirões, contígua à anterior, para além das «cavinhas» na superfície externa do Chapéu referidas acima, encontram-se conjuntos pouco extensos de «cavinhas» insculpidas nas faces internas de dois dos esteios laterais da Câmara, próximo à sua base. Da mesma maneira, na Anta 1 de Casas Novas, as «cavinhas» encontram-se gravadas na face interna de um pilarete implantado na transição Corredor-Câmara, uma óbvia «área simbólica» na composição arquitectónica final do monumento.

Tendo em conta estes dados, é perfeitamente aceitável considerar estes elementos como coevos com a construção e utilização plena destes sepulcros. Esta circunstância poderá ser confirmada, por exemplo, no monumento de Juan Rón 1, onde, à semelhança da Anta da Lebre, um conjunto de «cavinhas» foi insculpido na face interna de um dos esteios do Corredor, pouco acima da sua base; segundo P. Bueno Ramírez e colaboradores, estas estariam «literalmente tapadas por el depósito del corredor, con lo que se certifica su factura megalítica sin ninguna duda (Bueno Ramírez *et al.*, 1998, p. 165). Da mesma maneira, no monumento de Máimon 1, as «cavinhas» encontram-se igualmente insculpidas na face interna de uma das tampas do Corredor, podendo-se conjecturar que teriam sido insculpidas anteriormente à colocação da mesma (Bueno Ramírez *et al.*, 1999).

Outro elemento curioso refere-se à laje com «cavinhas» tombada imediatamente a Este da Anta de Entre Águas, não sendo claro se se trata de uma tampa do Corredor deslocada, podendo referir-se a uma possível es-

tela implantada junto à boca do monumento – à semelhança do que foi avançado para as duas lajes de xisto com «cavinhas» reutilizadas no tramo inicial do Corredor da Anta 2 do Olival da Pega (cf. Gonçalves, 1992 e 1999).

5. OS MONUMENTOS MEGALÍTICOS DAS ABAS DA SERRA ENTRE A SEGUNDA METADE DO 3º E A PRIMEIRA METADE DO 2º MILÉNIO A.N.E.: REUSOS E REINTERPRETAÇÕES

A subsistência do carácter dos sepulcros megalíticos enquanto «espaços simbólicos» poderá ser evidenciada no seu reuso (ou uso tardio), particularmente a partir da segunda metade do 3º milénio a.n.e. (possivelmente mais centrado no seu último quartel) e estendendo-se pela primeira metade do milénio seguinte – de que são exemplo preciso alguns dos monumentos das áreas de Estremoz e Redondo (Figura 7). Dever-se-á recordar todavia que estas situações poderão ser mais recorrentes do que o actual registo arqueológico deixa transparecer, se nos basearmos apenas nas características morfo-tipológicas dos artefactos votivos, como já se chamou à atenção noutro local (cf. Mataloto, 2017) e como demonstrado, por exemplo, no caso da Anta 3 de Santa Margarida, em Reguengos de Monsaraz (cf. Gonçalves, 2003).

Estes reusos caracterizam-se principalmente por enterramentos acompanhados por espólio campaniforme, ou de «filiação campaniforme», revelando igualmente especificidades rituais com paralelos em outros contextos do interior alentejano/extremenho (cf. Boaventura et al., 2014-2015; Mataloto, 2017; Bueno Ramírez, Barroso Bermejo e Vázquez Cuesta, 2008). Na área em estudo, resumem-se até ao momento aos contextos da Anta 1 das Casas do Canal, Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, Mal Dorme e Godinhos, para além do caso duvidoso da Anta 2 dos Outeirões. Tratam-se genericamente de elementos tardios dentro do Calcolítico, com enquadramento cronológico relativo atribuível ao último quartel do 3º milénio a.n.e. – atribuição esta ratificada pela datação obtida na Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (conforme exposto abaixo).

O caso da Anta 1 das Casas do Canal refere-se ao putativo enterramento realizado no espaço do Corredor, acompanhado por uma grande caçoila com decoração incisa de tipo Ciempozuelos, dentro da qual se encontrava depositado um vaso acampanado liso; próximo a estes, possivelmente enquadrando a deposição funerária pelo lado oposto, encontrava-se um vaso cilíndrico, igualmente liso. Esta deposição, usando o espaço do Corredor como se de uma pequena cista se tratasse, implicou a clausura do

acesso à Câmara, estando ainda, segundo G. e V. Leisner, coberto por uma camada de blocos pétreos (cf. Leisner e Leisner, 1955).

Semelhanças rituais são demonstradas pelo contexto da Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais. O enterramento, igualmente realizado no espaço do Corredor e também coberto (ou delimitado) por uma camada de blocos pétreos, era acompanhado por uma grande caçoila lisa, dentro da qual se encontrava depositado um vaso troncocónico igualmente liso, com rebordo no fundo (designado como «copo»). Fazendo parte deste conjunto, estava igualmente presente uma pequena caçoila lisa – sendo possivelmente daqui proveniente também a pequena caçoila arrolada à Anta 2 dos Outeirões no MNA (não referida por M. Heleno nas suas notas de campo).

Segundo M. Heleno, este enterramento encontrava-se junto aos esteios Sul do Corredor, paralelo a este, com a cabeça voltada para a Câmara; contudo, pela análise da posição dos membros inferiores, os únicos conservados *in situ* para registo durante a escavação, depreende-se que o corpo estaria disposto transversalmente ao eixo do Corredor, estando os vasos depositados no lado Norte, possivelmente junto à cabeça. Trata-se da deposição de um indivíduo adulto, do sexo masculino, cuja datação aponta para um intervalo de tempo centrado em finais do 3º milénio a.n.e. (Wk-17089: 3758±36 BP, fornecendo o resultado calibrado a 2σ, com 95,4% de probabilidade, de 2288-2040 cal BCE; cf. Rocha e Duarte, 2009, p. 766-768; Boaventura et al., 2014-2015).

Em relação à Anta do Mal Dorme, a delimitação da deposição é mais problemática: é referido somente por M. Heleno a recolha de fragmentos cerâmicos na área da Câmara, tendo a sua reconstituição recente demonstrado que se trata de um vaso acampanado liso, sem qualquer outro elemento característico associado.

No caso da Anta dos Godinhos, a deposição era acompanhada por um vaso troncocónico liso, semelhante (embora de colo mais baixo) ao recolhido na Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, ao qual se associava um pequeno braçal de arqueiro em xisto e uma lâmina de ouro torcida, depositados os primeiros no lado Sudoeste e a última no lado Nordeste da pequena Câmara megalítica, junto aos seus esteios (cf. Mataloto et al., 2015).

Será de referir igualmente o diadema e o brinco de ouro de tipo Ermegeira, de proveniência desconhecida, adquiridos e atribuídos genericamente à área de Estremoz (mas possivelmente recolhidos num monumento megalítico) – elementos característicos da ourivesaria de finais do 3º milénio a.n.e. (conforme atestado em numerosos exemplos do Sudoeste peninsular).

Os reusos relativos à Idade do Bronze encontram-se atestados principal-

mente no sepulcro do Caladinho, referindo-se à recolha de uma pequena taça carenada e uma ponta de cobre de folha curta e pedúnculo alongado – tratando-se de elementos genericamente atribuíveis à Idade do Bronze Inicial/Pleno (Calado e Rocha, 2007). A recolha, neste mesmo sepulcro, de formas carenadas mais características de etapas mais avançadas poderá indicar outros episódios de utilização/ocupação mais tardios.

O caso da herdade das Casas revela-se mais problemático: trata-se de um vaso bojudo com conjuntos de três mamilos dispostos em fiadas verticais a partir do bordo do recipiente, típico da Idade do Bronze do Sudoeste, recolhido no contexto genérico daquela propriedade, sem outras especificações (Mataloto, 2005). São conhecidos neste espaço vários monumentos megalíticos (Antas 1 a 5 das Casas, Anta do Pinheiro), sendo perfeitamente admissível que um destes sepulcros possa corresponder ao contexto de recolha deste recipiente. Contudo, não se rejeita que possa provir de uma sepultura em cista típica da Idade do Bronze aí localizada; neste caso, trata-se não do reuso de um monumento pré-existente, mas de todo um espaço de necrópole – com a instalação de novos sepulcros espacialmente associados aos sepulcros anteriores, como se conhecem vários exemplos na área alentejana (caso das áreas do Barrocal das Freiras, em Montemor-o-Novo, ou dos Cebolinhos, em Reguengos de Monsaraz, contando-se também aqui com o reuso dos próprios monumentos megalíticos).

O significado destes reusos de sepulcros megalíticos foi já abordado noutros locais (cf. Kalb, 1994; García Sanjuán, 2000 e 2005; Mataloto, 2005, 2006 e 2007; Mataloto *et al.*, 2015; Tejedor Rodríguez, 2008 e 2013; Andrade, 2016), levantando-se a hipótese de se tratarem apenas de «parasitagem» (com utilização oportunista de uma estrutura prévia já «disponível») ou de serem reflexo de evidente continuidade simbólica, com o reconhecimento e reinterpretação de espaços de carácter alegórico. Parece-nos a nós que, tendo em conta a persistência incontestável do carácter «sagrado» dos monumentos megalíticos ao longo dos tempos, independentemente das óbvias transmutações sociais, culturais e ideológicas que terão operado a partir de meados do 3º milénio a.n.e., a segunda hipótese será a mais viável. A projecção temporal do carácter simbólico do Megalitismo reflecte-se assim na manutenção de uma certa dimensão inter-grupal (ou social) diacrónica, baseando-se na própria definição da sacralidade «ancestral» dos espaços megalíticos (García Sanjuán, 2000). A sua possível recuperação simbólica e sua reinserção nas paisagens socio-culturais permite precisamente que sejam assumidos como «lugares de memória e identidade» perpetuados (Mataloto, 2007; Mataloto *et al.*, 2015).

Contudo, dever-se-á referir que, apesar de se tratarem maioritariamente de monumentos que oferecem algum destaque na paisagem (principalmente devido à sua implantação específica), não se tratam de sepulcros eminentemente «monumentais», sendo basicamente de pequena/média dimensão. Estes reusos não podem assim ser explicados simplesmente pela monumentalidade dos sepulcros e consequente atracção visual que suscitariam – facto particularmente evidente no caso da pequena Anta dos Godinhos (cf. Mataloto et al., 2015). Neste caso, o seu reuso poderá ser explicado por motivos mais complexos, lembrando que estes monumentos têm a sua própria integração específica na paisagem, contribuindo activamente para a transformação desta em território – podendo estar relacionados ainda, tal como aquando da sua construção e utilização original, com vias de trânsito fulcrais ainda em actividade.

Noutro sentido (e de acordo com Gibson, 2016), estes reusos poderão estar relacionados com a recuperação de locais de carácter emblemático específico, possivelmente reflectindo rituais de encerramento/condenação do monumento, como o parece demonstrar os casos das Antas 1 das Casas do Canal e Nossa Senhora da Conceição dos Olivais – correspondendo a inumações bem individualizadas no espaço do Corredor, no primeiro caso com o encerramento intencional da Câmara.

6. CONCLUSÃO: OS TERRITÓRIOS DE FRONTEIRA E A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO, NO CONTEXTO DA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO MEGALITISMO NAS ABAS DA SERRA D'OSSA

Como visto, as particularidades dos conjuntos megalíticos de ambos lados da Serra d'Ossa permitem assumir esta área como um verdadeiro *território de fronteira*, agindo aquele marco geográfico (coincidindo sensivelmente com a estrema entre os concelhos de Estremoz e Redondo , e com o fecho entre as bacias hidrográficas do Tejo e do Guadiana) como verdadeiro espaço de charneira entre dois universos megalíticos culturalmente distintos. Tratam-se assim de duas entidades apartadas, contudo concomitantes, que deverão ser lidas no seu âmbito regional mais alargado – em conjunto com os monumentos das áreas da Ribeira Grande, Crato e Bacia do Sever e zona ocidental da Extremadura espanhola (Andrade, 2009, 2011 e 2013; Boaventura, 2006; Parreira, 1996; Oliveira, 1998 e 2006; Bueno Ramírez, 1988), e com os monumentos das áreas de Reguengos de Monsaraz e Évora (Leisner, 1949; Leisner e Leisner, 1951; Gonçalves, 1992 e 1999), não descurando a sua leitura conjunta com os monumentos de Borba, Vila Viçosa, Elvas e Alandroal (Albergaria e Dias, 2000; Calado, 1993, 1994,

2001 e 2004; Calado e Roque, 2013; Deus e Viana, 1953; Paço, Ferreira e Viana, 1957; Viana e Deus, 1952, 1955 e 1957), e com os monumentos de Arraiolos e Mora (Correia, 1921; Moita, 1956; Rocha, 1999 e 2005). Com efeito, tratam-se de áreas onde estas múltiplas correntes de influência se imiscuem significativamente, consubstanciando-se em convergências e divergências das características arquitectónicas dos monumentos e dos mobiliários votivos aí recolhidos.

No que respeita às arquitecturas, e apesar de na área norte-alentejana se reconhecer a presença maioritária dos típicos sepulcros de Câmara e Corredor diferenciados, nota-se uma maior variabilidade em relação aos seus congéneres centro-alentejanos, com o registo significativo de soluções construtivas diversas. Este facto poder-se-á dever talvez a uma maior abertura daquela área a influências beirãs e meseténhas, em oposição a uma maior homogeneidade cultural, com um cunho regional mais demarcado, no Alentejo Central – onde, independentemente da dimensão, dominam os designados monumentos de «tipo alentejano».

Os espólios votivos, por seu lado, permitem consolidar a hipótese destes cruzamentos de influências – seja a nível das particularidades «culturais» dos artefactos ou das matérias-primas usadas no seu fabrico. Para tal, os argumentos baseiam-se principalmente nas características das placas votivas e em algumas particularidades das indústrias de pedra lascada.

Se as placas de xisto gravadas não são desconhecidas em contextos megalíticos norte-alentejanos (estendendo-se a sua área de dispersão até à baixa pene-planície albacastrense), terão um óbvio foco de emergência na área centro-alentejana, na esfera cultural do eixo Montemor-Évora-Reguengos (onde se conhecem monumentos com muitas dezenas destes artefactos, como a Anta 3 de Barrocal das Freiras, «*tholos*» do Escoural, Anta 1 do Paço, Anta Grande do Zambujeiro, Anta 1 do Olival da Pega) – estando presentes na área em estudo em conjuntos numericamente pouco significativos, mas ainda assim consideráveis (tanto na área de Estremoz como do Redondo, destacando-se os conjuntos da Anta 1 da Talha e do sepulcro do Caladinho, incluindo-se no último também um báculo).

Por outro lado, as placas de grés (especialmente os exemplares esculpidos com motivos antropomórficos) são já elemento característico das culturas megalíticas norte-alentejanas – sendo aparentemente inexistentes, ou pelo menos resumidas a escassos exemplares lisos, abaixo da Serra d'Ossa. Até ao momento, nos conjuntos em estudo, reconhecem-se somente na área de Estremoz – destacando-se a placa da Anta do Espadanal, de óbvia inspiração norte-alentejana/extremenha, recolhendo paralelos notórios, a nível

da composição iconográfica, numa outra recolhida na Anta da Horta, igualmente incluída na bacia da margem esquerda da Ribeira da Seda (cf. Oliveira, 2006).

Em relação aos padrões distintivos das indústrias de pedra lascada, estes lêem-se principalmente nas características tecno-tipológicas das armaduras geométricas e das pontas de seta. Uma das particularidades das armaduras geométricas registadas na área de Estremoz (e especialmente evidente no conjunto da Anta 3 da Talha) é a presença de trapézios rectângulos cuja «truncatura» basal foi efectuada por fractura fleccionada, não tendo sido posteriormente objecto de retoque (como comum neste tipo de produções). Esta característica parece não ser tão comum em contextos mais austrais, muito embora o estudo rigoroso das colecções de M. Heleno (assim como a realização de novos trabalhos de escavação) possa trazer novos dados sobre esta problemática. No grupo das pontas de seta, por seu lado, regista-se um domínio dos exemplares de base côncava, usando também outras matérias-primas que não o sílex (como xistos siliciosos e liditos), em contextos centro-alentejanos (como se atesta, por exemplo, na Anta da Vidigueira ou no sepulcro do Caladinho) – sendo este tipo pouco comum (mas não desconhecido) acima da Serra d'Ossa, onde são frequentes as pontas de seta de base triangular e convexa (conforme já intuído por M. Calado, e reafirmado em Boaventura et al., 2014-2015). Este facto evidencia-se por exemplo, na Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, onde as pontas de base convexa e triangular estão representadas em número quase equivalente, enquanto no Caladinho, na aba Sul, não estão sequer representadas. Para além desta pretensa «relevância cultural» na ligação entre dois universos distinguíveis, a importância da área da Serra d'Ossa lê-se igualmente na disponibilidade de recursos aí existente – tanto a nível biótico como abiótico. No primeiro caso, constata-se que os monumentos se dispõem ocupando segmentos bem localizados da paisagem, seja em relação a vias naturais de trânsito ou a áreas de ocupação/exploração preferencial, em ambiente ecotónico entre as encostas da serra e as chãs na sua base – complementando-se assim áreas de pasto e caça com áreas agrícolas localizadas no sopé, drenadas por uma rede hidrográfica significativa. Destacam-se, a Sul da Serra d'Ossa, a Planície Central do Redondo e, mais abaixo, a Área da Vigia e a Planície Sul (extensível até Reguengos de Monsaraz e à peneplanície oriental de Évora). A Norte de Serra d'Ossa, distinguem-se a bacia da Ribeira de Almadafe (a Sudoeste da Serra de São Bartolomeu/Antiforma de Estremoz), a peneplanície granítica até ao vale da Ribeira Grande e a área aplanada dos calcretos de Casa Branca-Cano (a Nordeste e Noroeste da

Serra de São Bartolomeu/Antiforma de Estremoz, respectivamente).

A instalação destes monumentos no contexto de vias naturais de trânsito poderá estar igualmente relacionada com a manutenção de recursos bióticos – nomeadamente pecuários, possibilitando estes caminhos a local de gados ao longo do território imediato. Contudo, a própria disposição dos agrupamentos de monumentos poderá indicar diferentes diagramas de ocupação/exploração do espaço – lidos igualmente nos vestígios de espaços habitacionais a eles associados. Com efeito, o maior índice de concentração localizada destas evidências na área de Estremoz, contrastando com amplas áreas «vazias», a par da sua maior cobertura/disseminação territorial na área do Redondo, poderá ser evidência de possíveis diferenças demográficas e, conseqüentemente, de possíveis diferenças nas bases económicas de sustentação. Assim, e conforme já anotado (cf. Calado, 2001; Andrade, 2009), poderíamos ter, abaixo da Serra d'Ossa, redes de povoamento mais estáveis com bases económicas assentes principalmente na agricultura, registando-se aparentemente uma malha de povoamento mais esparsa nas áreas a Norte, talvez mais vocacionadas para a pastorícia.

Estas prováveis divergências demográficas poderão ser teoricamente atestadas com a comparação dos resultados do cálculo dos esforços de trabalho aplicados a monumentos de ambas áreas: por exemplo, com recursos a rolos de madeira e alavancas, seria necessário um número mínimo de cerca de 61 indivíduos (176 se apenas com recurso a rolos de madeira) para o transporte por arrasto do esteio de Cabeceira da Anta 1 de Casas Novas, cuja fonte de aprovisionamento provável se localiza a cerca de 1 km. Tal cifra contrasta significativamente com a média exigida para o transporte dos esteios utilizados nos monumentos contemporâneos da área de Estremoz (salvaguardando-se, contudo, o caso da Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais), em que um número razoavelmente menor de indivíduos seria necessário.

Complementarmente, a integração óptima destes monumentos na paisagem (para além da sua associação a rochas com «covinhas», óbvios «marcadores activos» do território) lê-se também na sua implantação geológica específica, registando-se o aproveitamento rigoroso dos suportes disponíveis localmente na sua construção. Com efeito, as características geológicas diversas do território parecem não ter funcionado como condicionante fundamental à instalação dos monumentos – encontrando-se estes em contextos geológicos diversos, desde os granitóides aos xistos, mas sempre com potencialidade para serem usados enquanto suporte construtivo e, em média, nunca mais distantes do que poucas centenas de metros. Para os monumentos de

Estremoz, maioritariamente instalados em contextos de xistos silúricos, esta é a matéria-prima essencialmente usada – destacando-se os monumentos de Alfaiates-Venda do Duque ou Leão, usando os granitóides junto dos quais se encontram instalados. De referir igualmente a utilização de xisto anfibólico na tampa do Corredor da Anta da Courela da Anta (provavelmente proveniente de contextos mais distantes) ou o recurso a suportes geologicamente distintos, mas ainda assim locais, na Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (questão debatida mais à frente).

Na área do Redondo regista-se, por seu lado, uma maior variedade nos suportes construtivos, possivelmente dependentes de uma maior variedade de litologias disponíveis – encontrando-se monumentos construídos em granitóides, gnaisses e diversos tipos de xistos. Segundo as análises efectuadas no âmbito do projecto MEGAGEO, apesar desta evidente variabilidade, a disponibilidade dos recursos construtivos é, tal como em Estremoz, eminentemente local, obtidos nunca a mais de poucas centenas de metros. Destaca-se, contudo, o caso dos granodioritos usados na Anta 1 das Casas Novas cuja área de proveniência provável está localizada a cerca de 1 km (cf. Pedro et al., 2015; Nogueira et al., 2015).

O recurso, num mesmo monumento, a suportes com origens geológicas distintas está igualmente atestado, principalmente naqueles implantados sobre ou próximo a áreas de interface litológica – destacando-se o caso das Antas de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (construída em calcário dolomítico, com um esteio de ortognaisse granítico), Barroca (construída em granito, xisto metamorizado e gnaisse), Covas (conjugando esteios de xisto e granito), Godinha de Cima (esteios de xisto e chapéu de granito) e Godinhos (usando granito e micaxisto). Seja como for, a sua disponibilidade é sempre local – sendo imediata a sua acessibilidade, reafirmando o aproveitamento óptimo de recursos acima mencionado.

A nível dos recursos abióticos (para além daqueles usados como suporte construtivo nos monumentos), correspondendo esta área ao extremo ocidental da Zona Metavulcânica de Ossa-Morena, estão disponíveis vários tipos de matérias-primas comprovadamente usados na produção de artefactos líticos (lascados e polidos) no contexto genérico alentejano. Para além da ubíqua presença de filões e massas de quartzo leitoso e líditos, regista-se a ocorrência de mono-cristais de quartzo hialino nos contextos xistosos em torno ao maciço calcário de Estremoz-Vila Viçosa – maioritariamente de pequena dimensão, embora o grande cristal recolhido na Anta do Cascalho sugira a presença local de exemplares de maior dimensão. Poderão encontrar-se também rochas siliciosas facilmente trabalháveis neste contexto

cronológico: as calcedónias, ágatas e opalas/opalinas usadas na produção de armaduras geométricas e pontas de seta poderão estar disponíveis local ou regionalmente em mineralizações secundárias em contexto vulcano-sedimentar (hipótese a confirmar, embora estejam cartografadas silicificações nos calcários dolomíticos da área de Estremoz). Da mesma maneira, os xistos siliciosos usados principalmente a partir do 3º milénio a.n.e. para a produção de pontas de seta poderão estar disponíveis em contextos câmbricos/pré-câmbricos no sopé da Serra d'Ossa ou no Sinforma de Terena. A rocha metamorfozizada branda, correspondendo possivelmente a vulcanitos de contextos vulcano-sedimentares, está disponível no entorno do Antiforma de Estremoz, sendo extensamente utilizada na produção de artefactos líticos talhados durante o Neolítico Antigo e Médio regionais e preferencialmente usada na produção de artefactos de pedra polida (principalmente enxós) durante o 4º milénio a.n.e. (conforme já anotado em Mataloto, Andrade e Pereira, 2016-2017). Será de registar igualmente a presença local e regional de rochas anfibólicas, no contexto dos micaxistos e paragneisses da Formação de Ossa ou nos níveis câmbricos e pré-câmbricos da bacia da Ribeira da Seda, por exemplo. Regista-se igualmente a ocorrência dos calcários e mármore usados na produção de ídolos e vasos de pedra – até ao momento não representados na área em estudo, mas presentes em contextos habitacionais de Avis e Monforte, sendo comprovadamente provenientes da área de Estremoz-Vila Viçosa aqueles recolhidos nos Perdigões (cf. Dias *et al.*, 2017).

Como contra-partida, regista-se a presença de sílices provenientes de contextos da Estremadura portuguesa usados na produção de lâminas, armaduras geométricas e pontas de seta – correspondendo a sílex de contextos cenomanianos das áreas de Rio Maior e Ourém e de contextos oxfordianos da área de Tomar (presente residualmente, representado apenas em duas lâminas das Antas 2 da Talha e 3 dos Outeirões, e numa lamela da Anta da Lebre). Regista-se igualmente a ocorrência do sílex opaco de tonalidade acinzentada de proveniência ainda indeterminada, mas particularmente usado na produção de pequenas lâminas e geométricos durante o 4º milénio a.n.e. e aparentemente não utilizado nas produções líticas lascadas durante o milénio seguinte (igualmente anotado em Mataloto, Andrade e Pereira, 2016-2017).

Também o azeviche, representado numa conta de colar da Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, sendo particularmente comum em contextos funerários estremenhos (como nas grutas de Lapa da Galinha, Casa da Moura, Cova da Moura ou Lapa do Bugio) poderá provir de depósitos

plio-plistocénicos da Estremadura portuguesa (como nas áreas de Sesimbra ou Rio Maior, por exemplo). Já as «pedras verdes» poderão ter origem local/regional, tendo as análises realizadas aos exemplares das Antas de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais e Lebre comprovado que se tratam de moscovites.

A inclusão da área da Serra d'Ossa nos circuitos de intercâmbio de matérias-primas extra-regionais, por vezes de considerável amplitude, atesta-se na presença de uma ponta de seta de sílex oolítico, provavelmente proveniente da região sub-bética, no conjunto artefactual da Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (cf. Boaventura et al., 2014-2015) – matéria-prima que se confirmou recentemente estar também localmente presente nos conjuntos dos sítios de Montoito 2 e São Pedro, e que poderia ter acompanhado as rotas de intercâmbio de outras matérias-primas exóticas, como o âmbar e o marfim recolhidos em alguns monumentos megalíticos alentejanos (Anta da Capela, Anta Grande do Zambujeiro, Anta Grande da Comenda da Igreja).

As deslocações motivadas por este mesmo abastecimento de matérias-primas, assumindo-se a área da Serra d'Ossa como origem e como destino de produtos essenciais, poderão enquadrar-se igualmente no contexto de outras actividades de subsistência – como, por exemplo, o abastecimento de sal ou a pastorícia transumante, mesmo que apenas a uma escala local/regional. Com efeito, e como referido, a instalação dos monumentos e, conseqüentemente, das comunidades que os erigiram e utilizaram junto a vias naturais de trânsito poderá favorecer estas hipóteses. Como vimos acima (e igualmente ilustrado na Figura 1), a coincidência da sua situação com os principais eixos de ligação entre as áreas norte-alentejanas e centro-alentejanas (ou, noutros termos, entre os vales do Tejo e do Guadiana) poderá demonstrar a posição e importância destas mesmas vias nos padrões de ocupação do território. Mesmo que tratando-se de um fenómeno relativamente recente motivado pela produção de carne e lã essencialmente a partir de Época Moderna (sendo problemático o seu recuo até tempos pré-históricos), a circunstância de esta área ser cruzada pelas rotas de transumância usadas até ao século XIX, ligando as encostas da Serra da Estrela às planícies alentejanas desde Évora a Ourique (cf. Silbert, 1978; Morais, 1998) reforça o seu papel enquanto elo de ligação de regiões geo-culturalmente distintas.

Assim, neste contexto genérico de trocas de influência, a área da Serra d'Ossa regista ocupações «megalíticas» que se estendem por todas as fases da origem e desenvolvimento deste fenómeno, sensivelmente entre meados do

4º milénio a.n.e. e meados do seguinte (cf. Boaventura, 2011; Boaventura e Mataloto, 2013; Mataloto, Andrade e Pereira, 2016-2017). Com efeito, estão aqui registados os pequenos monumentos simples ou de Corredor incipiente, com espólio pouco diversificados, característicos de um patamar inicial do Megalitismo, assim como os monumentos de média/grande dimensão de Câmara e Corredor diferenciado ou os *tholoi* (ou, pelo menos, sepulcros seus congêneres) com mobiliários votivos mais diversificados, típicos da sua fase de apogeu. Evidencia-se assim, com base no exposto acima, que estes «caminhos» estiveram sempre activos desde os primeiros momentos do Megalitismo, reafirmando-se com a consolidação das sociedades camponesas estáveis – principalmente nas áreas abaixo da Serra d'Ossa (conforme o registo arqueográfico parece deixar transparecer).

A prevalência deste papel de relevo da área da Serra d'Ossa, consubstanciado assim na implantação dos sepulcros durante o Neolítico e Calcolítico, poderá ler-se precisamente no seu reuso durante as etapas finais do Calcolítico (Anta 1 das Casas do Canal, Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, Anta do Mal Dorme, Anta dos Godinhos) e mesmo já entrada a Idade do Bronze (sepulcro do Caladinho ou Casas), não necessariamente em continuidade crono-cultural com os momentos plenos de construção e utilização destes monumentos – mas em óbvia continuidade «simbólica». Neste sentido, não entendemos estes reusos como uma mera apropriação de estruturas disponíveis, mas sim como a utilização de componentes activos na constituição de uma nova paisagem sócio-cultural, em que os elementos relacionados com antigas vias de trânsito continuam activos – podendo estes caminhos manter ainda a sua função básica.

Com efeito, apesar de maioritariamente se tratarem de monumentos com algum destaque na paisagem, estes reusos não podem ser explicados unicamente pela monumentalidade dos sepulcros – como se atesta no caso da Anta dos Godinhos, tratando-se de um pequeno monumento com impacto praticamente nulo na paisagem. Neste caso, há que encontrar outras explicações para o seu reuso, podendo estar relacionado com a sua posição específica no contexto de uma via natural de trânsito no passo da Serra d'Ossa, sendo (conforme já salientado em Mataloto et al., 2015, p. 73) o primeiro monumento que se encontra ao baixar da serra ou o último ao subir desde a planície.

De qualquer maneira, a manutenção destes «espaços simbólicos», com a sua recuperação e reintrodução nas paisagens socio-culturais, legitima o seu carácter como indicadores de um território ocupado, com estratégias de ocupação específicas em desenvolvimento possivelmente desde a pri-

meira metade do 4º milénio a.n.e., nas quais o relevo da Serra d'Ossa terá desempenhado papel fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERGARIA, J.; DIAS, A. C. (2000) – *Antas de Elvas*. Lisboa: IPPAR (Roteiros da Arqueologia Portuguesa).
- ANDRADE, M. A. (2009) – *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo): definição e caracterização do fenómeno de «megalitização» da paisagem na área austral do Norte alentejano*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols, policopiado.
- ANDRADE, M. A. (2010) – *Rochas com «cavinhas» no contexto do megalitismo alto-alentejano: o painel de São Domingos 2 (Fronteira)*. Apontamentos de Arqueologia e Património. Lisboa. 6, p. 7-14.
- ANDRADE, M. A. (2011) – *Fronteira megalítica: algumas considerações gerais (enquanto as particulares não estão ainda disponíveis) a respeito das «necrópoles megalíticas» da área do Concelho de Fronteira*. In CARNEIRO, A.; OLIVEIRA, J.; ROCHA, L.; MORGADO, P. (coords.) – *Arqueologia do Norte Alentejano. Comunicações das 3as Jornadas*. Lisboa: Edições Colibri, p. 63-82.
- ANDRADE, M. A. (2013) – *Em torno ao conceito de necrópole megalítica na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo, Portugal): monumentos, espaços, paisagens e territórios*. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (coords.) – *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 417-426.
- ANDRADE, M. A. (2016) – *Intervenções de Manuel de Mattos Silva no Megalitismo da área de Avis. 1: as antas de São Martinho e Assobiador (Maranhão)*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 19, p. 41-62.
- BOAVENTURA, R. (2006) – *Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9: 2, p. 61-74.
- BOAVENTURA, R. (2011) – *Chronology of megalithism in South-Central Portugal*. In GARCÍA SANJUÁN, L.; SCARRE, Ch.; WHEATLEY, D. W. (eds.) – *Exploring Time and Matter in Prehistoric Monuments: Absolute Chronology and Rare Rocks in European Megaliths*. Antequera: Junta de Andalucía (Menga Monográfica, 1), p. 159-190.
- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R. (2013) – *Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, p. 81-101.
- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R.; ANDRADE, M. A.; NUKUSHINA, D (2014-2015) – *Estremoz 7 ou a Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (Estremoz, Évora)*. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 5ª série, 4/5, p. 171-231.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1988) – *Los dólmenes de Valencia de Alcántara*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España, 155).
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO, R.; ALDECOA QUINTANA, M. A.; CASADO MATEOS, A. B. (1998) – *Sepulcros megalíticos en el Tajo: excavación y restauración de dólmenes en Alcántara, Cáceres, España*. *Ibn Maruán*. Marvão. 8, p. 135-182.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO, R.; ALDECOA QUIN-

- TANA, M. A.; CASADO MATEOS, A. B. (1999) – *Arte megalítico en Extremadura: los dolmenes de Alcantara, Cáceres, España. Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 7, p. 85-110.
- BUENO RAMIREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R.; VÁZQUEZ CUESTA, A. (2008) – *The Beaker phenomenon and the funerary contexts of the International Tagus*. In BUENO RAMIREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R.; BALBÍN-BEHRMANN (eds.) – *Graphical Markers and Megalithic Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series 1765), p. 141-155.
- CALADO, M. (1993) – *Carta arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- CALADO, M. (1994) – *A necrópole dolménica do Monte Lucas (Terena, Alandroal)*. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2, p. 125-131.
- CALADO, M. (2001) – *Da Serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de Pré-História regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 19).
- CALADO, M. (2004) – *Menires do Alentejo Central. Génese e evolução da paisagem megalítica regional*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 vols., policopiado.
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (2001) – *Carta Arqueológica do Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CALADO, M.; ROQUE, C. (2013) – *Nova Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- CARTAILHAC, M. E. (1886) – *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald Libraire.
- CORREIA, V. (1921) – *El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal)*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales (edição fac-similada, 1999).
- COSTA, F. A. P. (1868) – *Descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- DEUS, A. D.; VIANA, A. (1953) – *Mais três dólmens da região de Elvas (Portugal)*. *Zephyrus*. Salamanca. 4, p. 227-240.
- DIAS, M. I.; KASZTOVSZKY, Z. S.; PRUDÊNCIO, M. I.; VALERA, A. C.; MARÓTI, B.; HARSÁNYI, I.; KOVÁCS, I.; SZÓKEFALVI-NAGY, Z. (2017) – *X-ray and neutron-based non-invasive analysis of prehistoric stone artefacts: a contribution to understand mobility and interaction networks*. *Archaeological and Anthropological Sciences*. 457.
- ESPANCA, J. J. R. (1894) – *Estudos sobre as antas e seus congêneres: dissertação archeológica*. Vila Viçosa: Câmara Municipal.
- FERREIRA, O. V. (1950) – *Notas arqueológicas de Estremoz e Vila Viçosa*. *A Cidade de Évora*. Évora. 21/22.
- GARCÍA SANJUÁN, L. (2000) – *Grandes Piedras, Paisajes Sagrados*. PH: *Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico*. Sevilla. 31, p. 171-178.
- GARCÍA SANJUÁN, L. (2005) – *Las piedras de la memoria. La permanencia del Megalitismo en el Suroeste de la Península Ibérica durante el II e I milenios ANE*. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 62: 1, p. 85-109.
- GIBSON, C. (2016) – *Closed for business or cultural change? Tracing the re-use and final blocking of megalithic tombs during the Beaker period*. In KOCH, J. T.; CUNLIFFE, B. (eds.) – *Celtic from the West 3: Atlantic Europe in the Metal Ages – question of shared language*. Oxford: Oxbow Books, p. 103-110.
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa:

UNIARQ (Cadernos da UNIARQ, 2).

GONÇALVES, V. S. (1999) – Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.

GONÇALVES, V. S. (2003) – STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 32).

KALB, Ph. (1994) – Reflexões sobre a utilização de necrópoles megalíticas na Idade do Bronze. In Actas do Seminário «O Megalitismo no Centro de Portugal». Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (Estudos Pré-Históricos, 2), p. 415-426.

LEISNER, G. (1949) – Antas dos arredores de Évora. Évora: Edições Nazareth (Separata de A Cidade de Évora, 15-16, 17-18).

LEISNER, G.; LEISNER, V. (1955) – Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança/Instituto para a Alta Cultura.

LEISNER, G.; LEISNER, V. (1956) – Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen. Berlin: Walther de Gruyter & Co. 1: 1.

LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen. Berlin: Walther de Gruyter & Co. 1: 2.

MATALOTO, R. (2005) – A propósito de um achado na Herdade das Casas (Redondo): megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. 8: 2, p. 115-128.

MATALOTO, R. (2006) – Entre Ferradeira e Montelavar: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. 9: 2, p. 83-108.

MATALOTO, R. (2007) – Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. 10: 1, p. 123-140.

MATALOTO, R. (2017) – We are ancients, as ancient as the sun: campaniforme, antas e gestos funerários nos finais do 3º milénio BCE no Alentejo Central. In GONÇALVES, V. S. (ed.) – Sinos e Taças. Junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica. Lisboa: UNIARQ/FL-UL (Estudos & Memórias, 10), p. 58-81.

MATALOTO, R.; ANDRADE, M. A.; PEREIRA, A. (2016-2017) – O Megalitismo das pequenas antas: novos dados para um velho problema. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. 23, p. 33-156.

MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R. (2010) – Anta da Vidigueira (Freixo, Redondo): intervenção de caracterização. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. 13: 1, p. 5-24.

MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R.; NUKUSHINA, D.; VALÉRIO, P.; INVERNO, J.; SOARES, R. M.; RODRIGUES, M.; BEIJA, F. (2015) – O sepulcro megalítico dos Godinhos (Freixo, Redondo): usos e significados no âmbito do Megalitismo alentejano. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. 18, p. 55-79.

MATALOTO, R.; ROCHA, L. (2007) – O monumento do Caladinho (Redondo, Évora): estudo preliminar de um monumento megalítico no Redondo. Vipasca. Aljustrel. 2ª série, 2 (Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular), p. 107-116.

MOITA, I. N. (1956) – Subsídios para o estudo do Eneolítico do Alto Alentejo. O Arqueólogo Português. Lisboa. Nova série, 3, p. 135-176.

MORAIS, J. A. D. (1998) – Transumância de gados serranos e o Alentejo. Évora: Câmara Municipal (Novos Estudos Eborenses, 3).

- NOGUEIRA, P.; MOITA, P.; BOAVENTURA, R.; PEDRO, J.; MÁXIMO, J.; ALMEIDA, L.; MACHADO, S.; MATALOTO, R.; PEREIRA, A.; RIBEIRO, S.; SANTOS, J. F. (2015) – *A spatial data warehouse to predict lithic sources of tombs from South of Portugal: mixing geochemistry, petrology, cartography and archaeology in spatial analysis*. *Comunicações Geológicas*. Lisboa. 102: 1, p. 79-82.
- OLIVEIRA, J. (1998) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Edições Colibri. 1.
- OLIVEIRA, J. (2006) – *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Lisboa: Edições Colibri/Universidade de Évora.
- PAÇO, A.; FERREIRA, O. V.; VIANA, A. (1957) – *Antiguidades de Fontalva. Neo-eneolítico e época romana*. *Zephyrus*. Salamanca. 8, p 111-133.
- PARREIRA, R. (1996) – *O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo): contribuição para o registo das antas portuguesas*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2 vols., policopiado.
- PEDRO, J.; MOITA, P.; BOAVENTURA, R.; ALMEIDA, L.; MACHADO, S.; NOGUEIRA, P.; MÁXIMO, J.; MATALOTO, R.; PEREIRA, A.; RIBEIRO, S.; SANTOS, J. F. (2015) – *Proveniências no Neolítico: arqueometria em contextos geológicos distintos*. *Comunicações Geológicas*. Lisboa. 102: 1, p. 157-160.
- PEREIRA, G. (1875) – *Dolmens ou Antas dos arredores de Évora*. Évora: Typ. Francisco da Cunha Bravo.
- PEREIRA, G. (1879) – *O dolmen furado da Candeeira*. *Notas d'archeologia*. Évora: Typ. Francisco da Cunha Bravo.
- ROCHA, L. (1999) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história regional*. Mora: Câmara Municipal.
- ROCHA, L. (2005) – *Estudo do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols., policopiado.
- ROCHA, L.; DUARTE, C. (2009) – *Megalitismo funerário no Alentejo Central: os dados antropológicos das escavações de Manuel Heleno*. In POLO CERDÁ; GARCÍA-PRÓSPER, E. (eds.) – *Investigaciones histórico-médicas sobre salud y enfermedad en el pasado*. *Actas del IX Congreso Nacional de Paleopatología*. Valência: Grupo Paleolab & Sociedad Española de Paleopatología, p. 763-781.
- SILBERT, A. (1978) – *Le Portugal méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime. XVIIIe-Début du XIXe siècle. Contribution à l'histoire agraire comparée*. Lisboa: INIC.
- SILVA, J. P. (1878) – *Novos monumentos megalíticos em Portugal*. *Boletim da Real Associação dos Architectos Cívicos e Archeólogos Portuguezes*. Lisboa. 2ª série, 2: 6, p. 90-91.
- TEJEDOR RODRÍGUEZ, C. (2008) – *El monumento en el tiempo: planteamiento teórico y metodológico para el análisis de las reutilizaciones megalíticas*. In *Actas de las I Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica: Dialogando con la Cultura*. Madrid: Compañía Española de Repografía y Servicios. 2, p. 441-448.
- TEJEDOR RODRÍGUEZ, C. (2013) – *La pervivencia de los «usos megalíticos» en el Valle del Duero a lo largo de la Prehistoria Reciente (III-II milenio a.C.). Una aproximación al estudio en la región del Alto Douro*. In SASTRE BLANCO, J. C.; CATALÁN RAMOS, R.; FUENTES MELGAR, P. (coords.) – *Arqueología en el Valle del Duero. Del Neolítico a la Antigüedad Tardía: nuevas perspectivas*. Madrid: Ediciones de la Ergástula, p. 33-40.
- VASCONCELLOS, J. L. (1897) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. 1.

VASCONCELLOS, J. L. (1916) – *Entre Tejo e Odiana. O Archeólogo Português. Lisboa. 1ª série, 21, p. 152-195.*

VIANA, A.; DEUS, A. D. (1952) – *Exploración de algunos dolmenes de la región de Elvas, Portugal. In Crónica del II Congreso Arqueológico Nacional, Madrid. Zaragoza: Secretaría Nacional de los Congresos Arqueológicos Nacionales, p. 185–201.*

VIANA, A.; DEUS, A. D. (1955) – *Notas para o estudo dos dólmens da região de Elvas. Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto. Nova Série, 15: 3-4, p. 143-189.*

VIANA, A.; DEUS, A. D. (1957) – *Mais alguns dólmens da região de Elvas (Portugal). In Congreso Arqueológico Nacional, 4, Burgos, 1955. Zaragoza: Secretaría General de*